Ano XIV — Lisboa, Janeiro de 1958 — N.º 153

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

BALANÇO DE UM ANO

Nas longas escaladas da montanha, quando, após termos galgado esforçadamente uma parte da encosta, conseguimos alcançar lugar seguro onde firmar os pés, apetece-nos parar, respirar fundo, deitando um olhar de exame e de vitória para o percurso feito. Analisamos os lugares difíceis, onde os espinhos nos rasgaram os joelhos e a rocha dura maguou os pés. Miramos os troços onde o risco do precipício fez bater com força o coração. Depois, olhamos para mais alto, fitamos o alvo da jornada, procuramos descobrir e conhecer as dificuldades que nos esperam, os perigos que nos espreitam, e só, então, resolvemos prosseguir a escalada.

Exactamente porque acabamos de terminar uma parte da jornada, longa ou curta, da nossa vida, também nos apetece fazer uma paragem para meditar um pouco no caminho percorrido. Muitos já analisaram o Ano Velho nos seus variados aspectos e, certamente, nós próprios já fizemos esse útil exame no que respeita às nossas vidas. Neste momento, porém, desejamos focar o ano de 1957 no significativo aspecto escoteiro. Foi um ano excepcional. Convergiram nele duas importantes celebrações: O Centenário de B.-P. e o Jubileu do Escotismo. Acontecimento semelhante só os novos poderão voltar a viver, mas numa idade em que as emoções serão diferentes das de hoje.

O mundo escoteiro agitou-se em 1957. Viveu uma maré alta de entusiasmo e as comemorações tiveram um brilho excepcional e comandaram em todo o mundo um surto de progresso, que a mocidade escoteira reunida em Inglaterra anunciava *para cinquenta anos mais*, nas estrofes do Hino do Jambori, que em uníssono entoava.

Portugal não foi indiferente às comemorações, que tiveram entre nós relevo e brilho. Estivemos em Inglaterra, onde assinalámos a nossa presença. A Conferência Internacional de Cambridge, a mais ampla reunião do género até hoje realizada, teve a participação dos nossos delegados. No balanço deste ano, são estes os principais valores que devemos inventariar, os mais agradáveis incidentes da escalada da montanha. O senhor Presidente dos Escoteiros de Portugal, ao receber dos Dirigentes os cumprimentos de Ano Novo, assinalou dois outros: A recepção feita aos escoteiros brasileiros, que nos visitaram no regresso do Jambori, e a cedência de uma parcela de terreno na Mata da Caparica para ali instalar um campo permanente. Aceitamos que sejam estes os saldos da actividade de 1957, porém, o valor destes êxitos deve ser creditado inteiramente aos mais altos dirigentes associativos. O Movimento não tem correspondido aos privilégios que lhe têm sido proporcionados nem tirado o necessário proveito do natural entusiasmo provocado pelas comemorações do Jubileu. Subsiste a mesma apatia, a indiferença de muitos; continuam aguardando solução os problemas simples que afectam o Escotismo Nacional. É certo que, por vezes, se registam intenções de avançar, de realizar obra, mas as acções não correspondem às promessas e, pior do que isso, parece-nos que se ignora o que deve ser feito, aquilo que os Escoteiros costumam fazer, e as actividades surgem sem interesse, insípidas.

Neste olhar relanceado pela encosta atravessada, reconheçamos que nem tudo é árido. Alguns grupos trabalham, interessados pelo RAPAZ, único objectivo válido no Escotismo. Esses fizeram a jornada agradável. Saudemo-los como pioneiros vitoriosos desta etapa, para que lhes não faleça o entusiasmo e possam prosseguir com êxito *outro ano mais.*

(Conclui na 3.ª página)

XIII aniversário

«Sempre Pronto» comemora mais um aniversário. Treze anos de publicação ininterrupta ficaram para trás. É uma obra que tem sido feita com a cooperação leal e desinteressada de um bom grupo de colaboradores. Porque o esforço não é só nosso, é com desvanecimento que tantas vezes escutamos a afirmação de que se deve a este mensário a sobrevivência do Escotismo em Portugal e que tem sido este o luzeiro que tem mantido o calor do entusiasmo de muitos.

Este ambiente de simpatia é que nos força a insistir, a perseverar, a sorrir perante o despeito de outros, a diligenciar fazer melhor, correspondendo ao apreço de muitos amigos. Este ano foi exactamente assinalado por um acentuado progresso. Melhor papel, mais gravuras, edições especiais valiosas, que foram apreciadas dentro e fora do país. Este progresso acompanhou a grande campanha de assinaturas por nós lançada. Esperamos que ela nos proporcionará meios de assegurar o progresso já alcançado. Caso contrário, receamos muito que nos possa acontecer o mesmo que àqueles passaritos de asas ainda pouco emplumadas, que se aventuram a mais largos voos e acabam por cair desastradamente.

Esperamos, no entanto, que isto não acontecerá. Contamos com todos aqueles amigos que apreciam o nosso esforço. Estamos certos que prosseguindo, em boa cooperação, poderemos ainda tentar voos mais amplos, realizações mais vastas, dotando o Movimento com um órgão que o prestigie não só em Portugal como no estrangeiro.

Pelo trabalho feito, porém, expressamos a todos os nossos assinantes, colaboradores e correspondentes as nossas felicitações.

«SEMPRE PRONTO» deseja a todos os seus leitores um Ano Novo muito feliz e próspero.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

I

Muitos são os aspectos inferiores da nossa civilização a atestarem que, ainda hoje, apesar de 2000 anos de Cristianismo e da acção fecunda de tantos filósofos e doutrinários, o homem se encontra demasiado próximo da Animalidade ancestral para poder ter uma ideia da sua própria Humanidade em toda a sua amplitude e grandeza.

A explicação de toda a História está, de facto, na luta entre a ancestralidade animalesca do Homem e o Espírito vivo que o anima e que tantas vezes sucumbe ou parece sucumbir. Lutas fratricidas e catástrofes sociais são os marcos miliários — horrendas balisas! — da longa estrada que o Homem vem percorrendo desde que abandonou a caverna primitiva, ergueu os olhos para o céu e no Sol viu o símbolo vivo da Vida, da *sua* vida, que logo divinizou.

No seu espírito ainda rude, mas a lançar já chispas brilhantes, tomava confusamente vulto esse princípio dualista, o Bem e o Mal, aquele brotando expontâneamente da sua *humanidade* promissora, este resultando dos instintos selváticos da sua *animalidade* recente. Assim nasceu, assim deveria ter nascido esse antiquíssimo Dualismo que, desde os planaltos do Irão até às planícies da Galileia, sob as mais variadas formas, todas as religiões aceitariam.

Daqui nos parece, portanto, poder concluir-se que a fonte do Mal não se encontra na vontade dos Deuses ou dos Génios, mas pura e simplesmente dentro do próprio homem. Enquanto este não conseguir arrojar de si, definitivamente, a túnica de Nessus da sua animalidade persistente, a civilização não realizará, não conseguirá realizar a felicidade do Homem sobre a Terra, a felicidade a que, como único ser dotado de Razão, tem direito e que merece.

Que o Homem aspire à felicidade compreende-se e admite-se: é humano, é lógico. Mas que um grupo de homens queira a felicidade só para si, egoistamente, e a neguem aos restantes seres humanos é que é monstruoso. O próprio Cristo, o mais ecléctico dos reformadores religiosos, quando mandou os seus discípulos e apóstolos a disseminar a sua doutrina, disse-lhes: — «Ide e pregai a todas as gentes». Ao contrário do Mosaísmo, exclusivo do povo hebreu e religião fechada aos Gentios, o Cristianismo tornava-se *in limine* uma religião ecuménica e capaz de albergar no seu seio *todos* os povos da Terra, *todas* as raças, *todas* as cores. É esta uma das suas superioridades em relação a todas as outras religiões, anteriores e posteriores. O seu carácter universal é a sua característica verdadeiramente *humana* porque se dirigia a todos os homens, porque os considerava dignos de a receberem, porque neles atentava com olhos igualitários, com olhos *humanos*.

E no entanto, com o decorrer dos tempos, foram cristãos quem, esquecendo as palavras claras e precisas de Jesus Cristo e, mais ainda a lição da parábola do Bom Samaritano, deu início ao Anti-Semitismo, um dos aspectos mais sombrios que pode revestir a aversão religiosa e o ódio de raça entre os homens. Essa paixão, antipática como todas as paixões, está mais próxima do ódio animalesco persistente nas espécies inferiores, do que das palavras luminosas de Jesus: «Ide e pregai a todas as gentes».

Toda a intolerância é condenável porque fruto da ignorância, da animalidade, portanto. Mas nenhum aspecto da intolerância é tão condenável e tão odioso como o que pretende manter segregado do convívio para que tende a humanidade — já Aristóteles descobrira que «o homem é um animal social» — todo um povo, ùnicamente por não pertencer à mesma raça dos demais homens. É essa intolerância a responsável pelo mito, modernamente glosado até ao fastio, de que há raças «superiores» e raças «inferiores».

Os que não têm os olhos do espírito obnubilados por preconceitos de qualquer ordem, sabem muito bem que pouco há que distinga o crânio dum homem de Neanderthal ou de Cro-Magnon do dum homem do vale do Indo, dos plainos canadianos ou do *Karroo* sul-africano. Deve ter sido o ambiente físico o responsável pelo abandono da animalidade, pela atitude erecta e pelas primeiras manifestações rudes da indústria humana, e não a maior ou menor parcela de inteligência em potência no cérebro do cavernícola.

Se é certo que há raças mais bem dotadas do que outras — é, desse ponto de vista, inegável a superioridade da raça branca, queremos dizer, é a raça branca a que tem mais possibilidades de mais rápido desen-

(Conclui na 3.ª página)

O Prazer de Servir

por GABRIELA MISTRAL

Toda a natureza é um anelo de serviço.

Serve a núvem, serve o vento, serve o sulco.

Onde houver uma árvore para plantar, planta-a tu; onde houver um erro que emendar, emenda-o tu; onde houver um esforço a que todos se esquivam, aceita-o tu.

Sê aquele que apartou a pedra do caminho, o ódio entre os corações e as dificuldades do problema.

Há a alegria de ser são e a de ser justo; porém há, sobre tudo, a formosa, a imensa alegria de servir.

Que triste seria o mundo se tudo nele estivesse feito, se não houvesse uma roseira para plantar, uma empresa para empreender! Que não te chamem os trabalhos fáceis. É tão belo fazer aquilo a que outros se esquivam!

Mas não caias no erro de que só se consegue o mérito com os grandes trabalhos. Há pequenos serviços que são bons serviços: adornar uma mesa, ordenar uns livros, pentear uma menina.

Aquele é o que critica, este é o que destrói, sê tu o que serve.

O servir não é tarefa só de seres inferiores. Deus, que dá o fruto e a luz, serve. Poderia chamar-se assim: O Que Serve. E tem os seus olhos fixos nas nossas mãos e pergunta-nos em cada dia: Serviste hoje? A quem? À árvore, a teu amigo, a tua mãe?

De «El Rotário de Chile»

• • o • •

264 toneladas de papel velho obtidas num só dia por 1.500 Escoteiros e Lobitos

O *Scout Leader* anuncia que 1.500 Escoteiros e Lobitos da área de Kitchener-Waterloo, no Canadá, levantaram num sábado mais de 264 toneladas de papel velho.

Os rapazes prepararam metòdicamente esta colecta de desperdícios. No sábado marcado, os Lobitos foram batendo às portas da vizinhança enquanto os Escoteiros tomavam a seu cargo a recolha do papel e o seu transporte.

O produto da venda do papel foi distribuído pelos Grupos e aplicado nas despesas de um grande acampamento.

Eis um exemplo e uma lição para os Escoteiros do nosso país. Com o esforço conjugado de todos, podem ser vencidas muitas dificuldades que nos embaraçam.

* • *

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(Conclusão da 2.ª página)

volvimento — também é certo que *todo* o homem é capaz de atingir um elevado grau de aperfeiçoamento intelectual e moral se o ambiente lhe for favorável. Levar-nos-ia muito longe a demonstração deste ponto de vista com factos históricos, aliás numerosos. Apresentaremos, por isso, apenas um: o povo grego. A história dos Gregos demonstra à saciedade como surge para as luzes da civilização, se desenvolve e decai um povo mercê das circunstâncias ambientais, desde as de ordem física às de carácter psicológico. E não se diga que os primeiros invasores helenos eram menos rudes do que os outros povos seus coevos, pois a sua rudeza primitiva é bem manifesta em tudo quanto chegou até nós a demonstrar a sua cultura primeva.

E no entanto, em dado momento, esse povo produziu um Sócrates e um Platão, um Fídias e um Praxíteles, um Píndaro e um Anacreonte, um Ésquilo e um Eurípedes, um Tales e um Anaxímandro, expoentes máximos do requinte da sua humanidade.

Apesar de tudo, essa alta civilização, que Renan cognominou de «milagre», é responsável por um dos crimes mais odiosos que até hoje a intolerância pode ter produzido: a morte de Sócrates. Com toda a sua civilização e cultura, os Gregos eram ainda susceptíveis de se deixarem levar por falsos conceitos morais, caindo na intolerância que é própria dos fracos, só fortes por complexo de inferioridade.

Que admira, pois, que no decurso da Idade Média, após o retrocesso provocado pelas invasões do século V, surgissem aqui e além na Europa os primeiros casos de anti-semitismo, que já vinham dos últimos séculos do Império Romano? Odiavam em Roma os Judeus por serem estrangeiros, odiaram-nos depois por sectários da nova religião cristã. Odiou-os a Idade Média, por razões de carácter religioso primeiro, por questões de ordem económica depois.

Espezinhados e expulsos da sua terra pelo conquistador romano, que não conseguira esmagar definitivamente o altivo patriotismo judaico, o Judeu parte à conquista do mundo romano, levando na alma um ódio compreensível e, de certo modo, justificável. Com aptidões seculares para o negócio, é admissível que breve se imiscuísse na vida mercantil onde quer que se encontrasse, salientando-se logo pela operosidade e pela ambição do lucro. A natural negligência das gentes do povo e, noutros casos, a falta de tino administrativo de nobres e de senhores são os responsáveis pelo facto de o Judeu se transformar no prestamista da Europa durante a Idade Média. É de crer que da sua parte houvesse por vezes abusos e excessos e caísse na usura. Mas também é necessário ter em conta, para se compreender o ódio das populações, a aversão natural do mutuário pelo mutuante. Era a necessidade que obrigava o Cristão a pedir emprestado ao Judeu, cujas condições aceitava sempre, embora as considerasse iníquas. Criou-se assim um complexo de inferioridade no espírito do Cristão perante o Judeu, que considerava seu explorador.

Isto e o ódio vesgo de carácter religioso, que fazia ver no Judeu o matador de Cristo, explicam esse drama pungente das perseguições que se arrastou pelos dez séculos da Meia Idade e fez encerrar os filhos de Israel nos *ghettos* e nas *judiarias*, antes de os empurrar para os *quemaderos* e para os autos-de-fé!

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

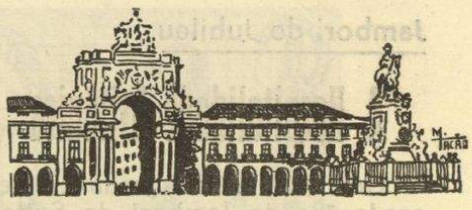
BALANÇO DE UM ANO

(Conclusão da 1.ª página)

Já no findar do ano, duas actividades brilharam ainda. A Exposição Bibliográfica e de Filatelia efectuada em Vila Real de Santo António, em que o Grupo local pôs todo o seu esforço, cabendo-lhe a honra de promover a primeira exposição de filatelia escoteira que se realizou no país. A II Conferência dos Guias de Patrulha Evangélicos, empreendimento modesto, é certo, mas que proporcionou ensejo para que uma dezena de guias pudesse estudar os problemas respeitantes às suas patrulhas, seguindo para os grupos com uma nova noção das responsabilidades.

Vamos já encetando a nova jornada. Os dias de 1958 seguirão inexoràvelmente a caminho do futuro, proporcionando-nos novas oportunidades de bem servir, de realizar obra útil, de tentar experiências, de progredir. Não desperdicemos tempo. Procuremos aproveitar os excepcionais privilégios que o Movimento hoje tem e tentemos realizar alguma coisa de útil a favor do Rapaz e, sobretudo, que possa permanecer no futuro do Movimento.

Que a escalada do tempo em 1958 seja repleta de acontecimentos agradáveis e de actividades que apelem ao espírito de aventura e de dinamismo do rapaz, para que os saldos a inventariar no próximo balanço sejam realmente preciosos valores do activo.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo n.º 94

Festa de Natal — Esta unidade da Ajuda, comemorou o dia de Natal, promovendo uma Boa Acção e realizando uma interessante festa na sua sede.

A B. A. favoreceu 10 velhinhos pobres da freguesia, a quem os Escoteiros visitaram no Domingo, dia 29, deixando-lhes pacotes com diversos géneros alimentícios.

No mesmo dia, os Lobitos realizaram uma festa de Natal, que teve a assistência de mais de 50 crianças da vizinhança e muitas pessoas de família. O Rev. Rosa Baptista, presidente do Grupo, abriu a festa com oração, tendo o chefe do Grupo, sr. Capitolino Macedo dirigido palavras de saudação a todos os presentes. Os Lobitos apresentaram, então, poesias e um sugestivo quadro alusivo à noite de Natal. Foi narradora a futura chefe de Alcateia, Menina Maria Luísa Teixeira, e os lobitos declamaram e entoaram canções e hinos do Natal.

A festa foi abrilhantada pelo Trio Alex, que executou diversas melodias em harmónia vocal.

Completou o programa uma sessão de cinema, com filmes escotistas e educativos da Embaixada Britânica, projectados pelo nosso estimado assinante e Caminheiro António Pombeiro, utilizando um projector da Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal.

Depois da festa, os escoteiros e lobitos reuniram-se num chá de confraternização.

Grupo n.º 8

(Pedro Álvares Cabral)

No domingo, dia 11 do corrente, na Igreja Presbiteriana Lisbonense, rua Febo Moniz, realizou-se um serviço religioso especialmente dedicado ao seu Grupo de Escoteiros. A mensagem foi proferida pelo Pastor, Rev. Carlos Augusto Vasconcelos, que tomando por tema o mandamento de Jesus «*Amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei*», dirigiu palavras de estímulo e edificação aos escoteiros, pondo em relevo o extraordinário significado do amor de Jesus pelos homens, amor que deverá ser o padrão do amor que deverá ligar os cristãos e os escoteiros entre si.

Nessa ocasião, prestaram Compromisso de Honra os novos escoteiros: Jorge Ribeiro de Almeida, Jorge Más, Manuel Baptista, João Humberto Basto, Geraldino Sousa Dinis e Victor Brás, a quem o Chefe, sr. Idílio Gonçalves, dirigiu palavras de felicitação.

Na tarde do mesmo dia, realizou-se um almoço oferecido pelos escoteiros a alguns velhinhos, constituindo a sua Boa Acção do Natal e no qual os escoteiros também participaram, tendo presidido o Rev. Vasconcelos, acompanhado de sua Esposa. Depois do Jantar, fez Promessa o novo lobito Luís Filipe.

Completou a festa uma sessão de cinema oferecido pelo sr. Manuel António Palma.

O «SEMPRE PRONTO»
Vende-se na «Agência EVA»
Rua Nova do Almada, 68
LISBOA

Jambori do Jubileu

A Hospitalidade Britânica

Uma das mais agradáveis recordações do Jambori de Sutton Park é a hospitalidade que os britânicos dispensaram aos escoteiros. A população da Sutton Coldfield, cidade que cedeu o Parque para o grande acampamento, parece ter imposto a si própria a obrigação de receber e cativar os visitantes. Era difícil evitar as extraordinárias manifestações de simpatia que os vizinhos do Jambori dispensavam aos escoteiros. Com frequência éramos convidados a entrar em suas casas, mas o convite era feito de forma que não permitia uma recusa. Juntava-se a família, procuravam saber notícias do nosso país, interrogavam-nos acerca do Escotismo e terminavam sempre pelo tradicional chá.

Os escoteiros portugueses, antes do Jambori, estiveram uma semana hospedados em Ipshire, em casa de escoteiros britânicos, que os cumularam de atenções, proporcionaram excursões, festas e os trataram como pessoas de família, tendo ainda muitos visitado os seus hóspedes no Jambori.

Depois do acampamento, os escoteiros portugueses voltaram a ser hospedados por escoteiros britânicos, desta vez em Buckinghamshire, entre Oxford e Londres. Aqui foram novamente alvo das mesmas atenções. Todos os rapazes trouxeram lembranças das famílias que os receberam, para si e para suas mães. A despedida, na estação de caminho de ferro, foi coisa de relevo. Não só as famílias que tinham oferecido hospitalidade ali foram, mas muitas outras, escoteiros e guias, se juntaram para dizer adeus aos portugueses. Ali estava uma enorme bandeira portuguesa e os nossos rapazes foram rodeados de carinho, enquanto muitas senhoras davam largas aos sentimentos de amizade chorando copiosamente pela partida dos seus hóspedes. Todos os escoteiros vinham sensibilizados e confundidos por semelhante tratamento.

Os serviços de recepção do Escotismo Britânico, que obtiveram a hospitalidade para os visitantes, puseram o maior cuidado no acolhimento e deram aos hospedeiros todas as indicações acerca dos seus hóspedes. Um dos aspectos, que não foi ignorado, foi a questão religiosa. Era conhecida a crença de cada escoteiro e havia instruções para facilitar o cumprimento dos respectivos deveres. Como é costume entre nós, embora pouco recomendável, os escoteiros que não eram evangélicos foram todos inscritos no Jambori como católicos romanos. No Domingo, um dos portugueses, religiosamente indiferente, hospedado em casa de uma família evangélica, foi convidado a tomar lugar no automóvel e conduzido à igreja romana local, onde teve de assistir à missa, visto que só depois da mesma terminar o vieram buscar. Este incidente revela o criterioso espírito de tolerância do povo britânico.

O Sr. Comandante Álvaro de Melo Machado, que fundou o primeiro grupo de escoteiros em território português e foi também um dos fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal, esclarece-nos acerca da escolha da palavra «ESCOTEIRO» para designar em Portugal o rapaz membro do movimento de Baden-Powell.

Firmemente decididos a esclarecer o assunto da ortografia da palavra ESCOTEIRO, pareceu-nos indispensável saber qual foi o pensamento dos fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal ao adoptarem este vocábulo da língua portuguesa. Este nosso desejo estava antecipadamente facilitado, visto que poderíamos contar com a boa vontade e simpatia do Sr. Comandante Melo Machado, sempre pronto a atender e a facilitar tudo o que se relacione com o Escotismo. Logo que manifestámos o nosso desejo ao antigo e primeiro Escoteiro-Chefe-Geral, imediatamente se prontificou a dar-nos todos os esclarecimentos e disse-nos:



A ideia da criação de grupos de *Boy Scouts* em Macau — origem do Escotismo em território português — foi-me sugerida por amigos ingleses que me revelaram a existência dessa instituição em Inglaterra e permitiram que eu tomasse consciência dos fins e características desse sistema de educação, emprestando-me o livro *Scouting for Boys*.

De momento, a designação adoptada foi apenas a de *Boy Scouts*, mas pouco tempo depois, de acordo com os meus colaboradores nessa colónia, procurou-se não *traduzir* ou adaptar a palavra *scout* à língua portuguesa, mas, encontrar nesta, palavra ou designação que correspondesse ao verdadeiro significado da designação inglesa e definisse bem as características e finalidades das actividades que se pretendia dar aos rapazes a submeter a esse sistema de educação inspirado por Baden-Powell.

E encontrámos e adoptámos a palavra *Escoteiro* como a que melhor se adaptava ao nosso intento. E, na verdade, quem vir um dicionário — por exemplo na Enciclopédia Luso-Brasileira — lá encontrará o significado dessa palavra em toda a sua extensão e verificará que ela se adapta com perfeição ao carácter e actividade dos *Boy Scouts*.

Adoptámos por isso a designação de *escoteiros* não como tradução ou adaptação da palavra *Scout*, mas como a palavra portuguesa que corresponde à palavra inglesa.

Que bem fizemos prova-o o facto de quando viemos para Portugal continental, e se formou a Associação dos Escoteiros de Portugal, a palavra Escoteiro ser adoptada como designação por pessoas que bem conheciam a língua portuguesa, como o Dr. Sá Oliveira, então reitor do Liceu Pedro Nunes.

Com admiração vi agora na Enciclopédia, que citei, a palavra *Scutétio*, absolutamente nova como significando apenas *Escoteiros*, aos quais se dedicam bastantes linhas dessa publicação.

Como se inventou tal designação e quem a inventou?

Prefiro calar o que a tal respeito me apeteceria dizer. Digo apenas que ela é uma *invenção*, como tantas outras, sem a menor base e que não corresponde à verdade.

E mais não digo.

ÁLVARO DE MELO MACHADO

PROVAS DE 1.ª CLASSE

NÓS



10 — *Aplicar os seguintes nós: Estribo, Guarnecer, Botija e Evasão.*

Diz Baden-Powell que «todo o Escoteiro deve saber fazer nós. Fazer um nó parece coisa simples e não obstante há maneiras de os fazer bem e de os fazer mal, e os escoteiros devem saber fazê-los bem. Da perfeição com que o nó está feito pode depender uma vida.

«O nó a aplicar é o que resiste ao maior esforço empregado e se desfaz fàcilmente quando se quer.

«Um nó é impróprio quando cede a grande pressão ou se enreda tanto que se não pode desfazer».

O Escoteiro conhece a arte de executar os nós que correspondem a estas exigências indicadas por B.-P. Ele sabe que um nó bem feito e apropriado ao fim a que se destina é, em certos momentos, de uma grande utilidade, principalmente se está uma vida em perigo.

Na vida de campo, os nós são também importantes para resolver dificuldades. Nos manuais «Para ser Escoteiro» e «Sempre Pronto» encontrarás nós muito úteis, que correspondem às provas de *patatenra* e de 2.ª classe. Agora irás aprender mais, utilíssimos também. E não fiques por aqui. Muitos outros nós poderás encontrar em manuais especializados ou poder-te-ão ser ensinados por outros escoteiros ou outras pessoas conhecedoras deste assunto, como, por exemplo, os marinheiros.

NÓ DE ESTRIBO

É muito simples e muito útil. Executa-se sem empregar as pontas da espia ou *chicotes*. Repara na figura n.º 1: Faz-se um *elo* ou *alça* e liga-se ao *seio* da espia de forma a fazer uma presilha. Mete-se nessa presilha uma vara ou travessa, um tronco de árvore, etc.

Emprega-se para fazer uma escada de corda. Usam-se duas espias a par, fazendo uma série de nós de estribo onde

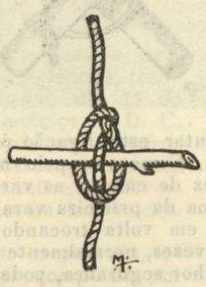


FIG. 1

se vão prendendo sucessivamente varas, formando escada. Em vez de varas de escoteiro, podem ser usados troncos de árvore arranjados na ocasião ou pequenas travessas já preparadas para o efeito.

Emprega-se também para puxar um fardo por diversas pessoas. Intercala-se uma ou mais varas para se firmarem pares de pessoas que puxam na direcção do comprimento da espia.

Note-se bem: Para que o nó se segure é necessário que a parte que corre fique para o lado da suspensão.

NÓ DE GUARNECER

Executa-se sobre uma espia ou corda já aplicada e esticada. Consiste em fazer uma série de anéis no outro cabo. (Ver figura 2).

Emprega-se para reforçar qualquer outro nó e para que não fique a ponta solta.

Serve também para segurar os esticadores da tenda, para segurar a espia de uma adriça de bandeira ao respectivo mastro, para completar o nó de âncora e para decorações.

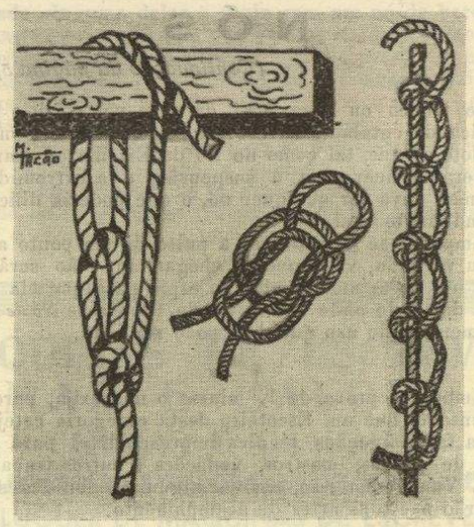


FIG. 2 – Nó de Evasão, Nó de Botija e Nó de Guarnecer

NÓ DE BOTIJA

A execução do Nó de Botija parece um pouco complicada, porém, se observares bem as gravuras respectivas, poderás fazê-lo sem demasiada dificuldade.

Executa duas *alças* conforme vês na figura 3. Seguidamente, colocas a alça *B'* em cima da alça *B*, exactamente como te mostra a figura 3-A. Agora, agarras na parte da alça *B* (*indicada por X na figura 3-A*) e trá-la para a frente e depois para baixo do conjunto já formado, até aos extremos *C* e *C'* da espia, logo a seguir às laçadas (ver figura 3-B).



Fig. 3



Fig. 3-A

Executada esta parte, vamos entrar no final do nó.

Para isso, basta agarrar a volta marcada com *A* nas figuras 3 e 3-B, que foi formada na primitiva execução das duas alças, e fazê-la seguir a direcção da seta, conforme te indica a figura 3-B, ou seja metê-la pelo espaço indicado na mesma figura por X, puxando-a para cima ao mesmo tempo que seguras os extremos *C* e C' e ficará assim o nó feito tal como o vês na figura 2.



Fig 3-B



Fig. 3-C

Este nó é muito útil para prender, com segurança, objectos cilíndricos, difíceis de agarrar, tais como: cantis, garrafas, marmitas, panelas, varas, cabos, etc. Enfia-se a circunferência formada no centro do nó no gargalo que se deseja segurar (figura 3 C), puxando depois os extremos da espia, de um lado, e do outro o seio *A*, ficando assim o objecto bem apertado e seguro.

Aplicando este nó, poderás segurar vasilhas para tirar água de poços ou rios, segurar troncos e varas, etc.

NÓ DE EVASÃO

Já falámos deste nó no Manual de 2.ª classe, «Sempre Pronto». Conforme podes verificar na figura n.º 2, começa-se da mesma forma que o Nó de Estribo. A presilha feita no elo serve para aí meter a ponta da espia, depois de a ter feito passar por cima de um tronco de árvore, de uma viga, do parapeito de um balcão (varanda). A mesma ponta volta ao

(Continua na página 6)

NÓS

(Continuação da página 5)

referido tronco ou viga e aí dá uma volta sob o seio da espia ficando entalada entre o seio da espia e o tronco.

Note-se que, tal como no Nó de Estribo, a parte que corre terá de ficar para a suspensão, e a extremidade da espia não deve ter qualquer nó, o que poderia dificultar o desprendimento final.

Emprega-se para descer a pulso de um ponto alto, árvore ou varanda, visto que ao chegar ao chão serão suficientes uns leves movimentos na espia para que ela se desprenda do ponto onde esteve fixada. Chama-se *Nó de Evasão* exactamente pelo uso que dele pode ser feito.

* * *

Embora a prova de 1.ª classe o não exija, parece-nos indispensável que um Escoteiro desta categoria esteja habilitado a fazer ligações, técnica imprescindível para a construção de pontes, mastros, vedações e outros trabalhos de campo. Vamos, por isso, ensinar algumas habilidades que te auxiliarão nas tuas artes de acampamento.

LIGAÇÕES DE VARAS OU TRONCOS REDONDOS

POR MEIO DE FALCASSA

Justapõem-se as duas varas, que se pretendem ligar, aplicando-se o *nó de falcassar*, também chamado *falcassa* ou *botão de falcassar*. Não vemos necessidade de explicar como se faz a falcassa, porque, certamente, todos os escoteiros, mesmo o *patatenra*, a sabem fazer. Algum mesmo que esteja esquecido bastará olhar para a figura n.º 1 para se recordar. Devemos, porém, esclarecer que ali se vêem as voltas separadas para uma melhor compreensão da maneira de se fazer, mas a forma correcta de ser feita é como se apresenta na figura n.º 1-A, devendo cada volta ser muito bem apertada de per si.



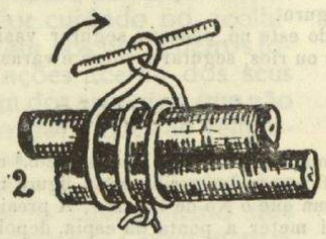


Depois de teres metido a ponta da espia na argola e puxado esta para o meio da falcassa (como tu sabes que se faz), as duas pontas são firmemente seguras com um nó direito para evitar que a falcassa dê folga, como se vê na figura n.º 1-B. E temos assim duas varas ligadas no sentido do comprimento, que podem ser de utilidade para diversos trabalhos como mastros, pontes, vedações, utensílios de campo, etc., etc.

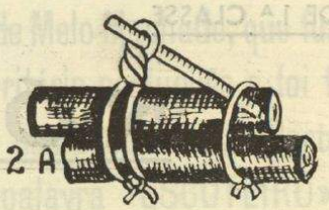


POR MEIO DE GARROTE

Colocam-se as varas da mesma forma, justapostas. Com uma espia dão-se duas voltas na vara e seguram-se as pontas com o nó direito tal como se vê na figura n.º 2.



Mete-se uma vara na espia (repara bem na figura n.º 2), e aplica-se o garrote. Com uma outra espia com menos espessura sustém-se a vara do garrote, figuras 2-A e 2-B.



Se em vez de varas de escoteiro se aplicarem troncos de árvore ou varas grosseiras, para uma melhor segurança, poder-se-á aplainar uma face de cada vara, sòmente nas extremidades que se justapõem. No caso do garrote, poder-se-á fazer uma pequena cava na vara para suster a espia utilizada neste.



NO PLANO VERTICAL CRUZANDO-SE EM X

Executar na ponta da vara ou tronco um nó de pedreiro. Faz-se este nó dando uma volta no tronco, passando a espia várias vezes entre a ponta enlaçada e o próprio tronco. Executar depois três voltas de reforço; confrontar a figura n.º 3.

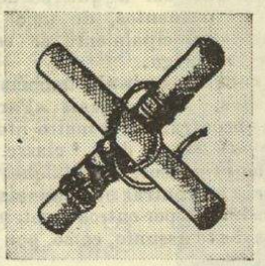


Fig. 3

Enrolar em diagonal pela frente e por trás os tronco sobrepostos, pelo menos três vezes, e repetir a operação mudando o sentido.

Aperta-se a ligação com algumas voltas na vara e termina-se com um nó de barqueiro, conforme a figura n.º 3-A.

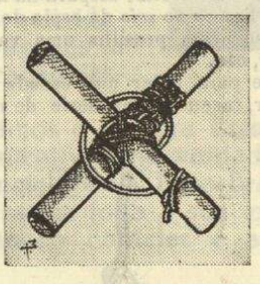


Fig. 3-A

Pode-se executar esta ligação por um outro processo um tanto diferente. Começa-se pelo mesmo nó de pedreiro e, após isso, em vez de enlaçar as varas verticalmente, passar a espia por cima da primeira vara, depois por baixo da segunda, andando em volta trocando depois a direcção o mesmo número de vezes, normalmente três.

Para uma melhor segurança, poder-se-á utilizar os dois sistemas simultâneamente, executando em primeiro lugar a segunda ligação citada.

UMA CRUZ

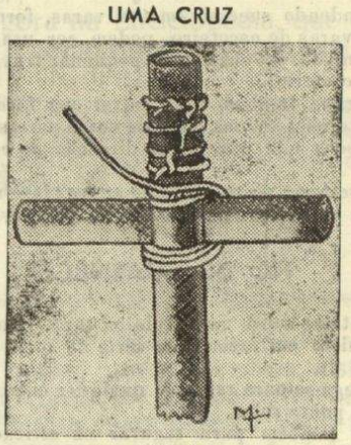


FIG. 4

(Conclui na 7.ª página)

NÓS

(Conclusão da 6.ª página)

Quando o teu acampamento demora alguns dias, é interessante reservar um local para as práticas religiosas. No sítio do púlpito ou do altar, conforme a confissão, colocarás uma cruz, que pode e deve ser feita com o próprio material de campo.

Dois troncos servem para o efeito. Depois de os sobrepores em cruz, fazes um nó de pedreiro duplo seguido de três laços sobre a vara vertical, ao alto. Enrolar depois verticalmente sobre a vara horizontal por detrás, depois horizontalmente sobre a vara vertical pela frente; prosseguir até ter 3 voltas.

Terminar por um nó de barqueiro na parte inferior da vara vertical. Confronta a figura n.º 4.

UM ESTRADO

Querendo construir um estrado, que tanto pode servir para uma pequena ponte como para variadas aplicações: mesa, fachada de uma porta, etc., procedes da maneira seguinte:

Colocas duas varas fortes, ou troncos, do comprimento da peça que desejas, que são as *longrinas*. Fixas na extremidade de uma delas a espia com um nó de barqueiro, depois atravessas as varas que vão servir de estrado. Passas a espia por cima da vara de sobrado, passando pela longrina em diagonal. À medida que o laço avança, vais apertando as travessas. Repetes a operação na outra longrina e terminas igualmente com o nó de barqueiro. Fig. n.º 5.

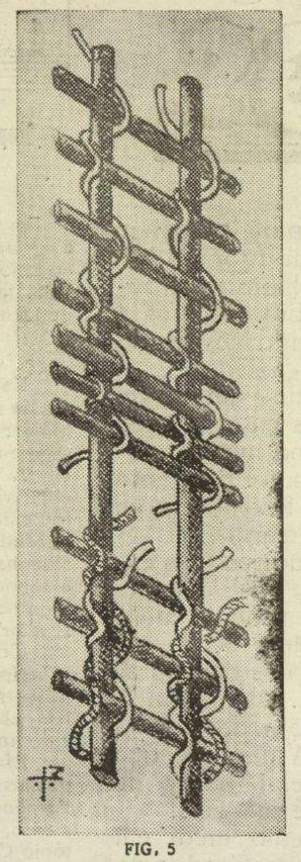


FIG. 5

Querendo dar uma maior resistência ao estrado, pode-se reforçar o laço repetindo a operação em sentido inverso quando se atinge o fim da longrina, mas alternando a diagonal, de maneira que as travessas fiquem seguras da parte interior e exterior. Ver a parte final da figura n.º 5.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

ENTRONCAMENTO

Grupo N.º 84

Dia da Restauração — Como é tradicional, a Banda deste Grupo percorreu as ruas da Vila tocando o Hino da Restauração, depois do que tomou parte no içar da bandeira na sede do 84, seguindo após isto para uma pensão onde o nosso Presidente lhe ofereceu o pequeno almoço.

Exercícios da D. C. T. — Com a presença do sr. General Cota de Morais, realizaram-se nesta Vila, no passado dia 15 de Dezembro, importantes exercícios da D. C. T., nos quais colaboraram muitos Escoteiros deste Grupo, tendo prestado serviços como maqueiros e tomado parte activa em diversos trabalhos que lhes foram distribuídos.

Festa de Natal — Neste mesmo dia, teve início a Festa de Natal promovida por este Grupo, tendo o seu Presidente, sr. José Duarte Coelho, inaugurado a árvore de Natal e a exposição de trabalhos manuais, tendo dirigido palavras de louvor aos Escoteiros pela significativa festa que realizaram.

A exposição de trabalhos esteve patente ao público durante toda a semana. No dia 22, realizou-se uma nova sessão, durante a qual falou o subchefe Aníbal Horta, que leu a ordem de serviço e uma mensagem de saudação e agradecimento ao Presidente, pelo permanente patrocínio dispensado ao Grupo.

O sr. José Duarte Coelho agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e incitou os Escoteiros a trabalharem pelo desenvolvimento e progresso do Grupo.

Procedeu-se depois à distribuição de brinquedos, sendo entregue em primeiro lugar uma lembrança ao Presidente, como o Escoteiro mais velho do Grupo e outras lembranças aos dois escoteiros mais novos.

No dia de Natal, à tarde, a família escoteira do «84» reuniu-se na sede, onde se realizou uma merenda de confraternização, tendo sido trocados brindes pelas felicidades pessoais de todos e pelas prosperidades do Grupo. — C.

O aniversário do «Sempre Pronto»

O sr. António Vítor Guerra, dedicado Director da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, teve a gentileza de nos endereçar um ofício de cumprimentos por motivo do XIII aniversário do «Sempre Pronto», que sinceramente agradecemos e retribuímos.

Também o nosso delegado nos Açores, Escoteiro-Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, nos enviou expressivo telegrama de saudações para todos os colaboradores deste jornal e votos de acentuados progressos para «Sempre Pronto».

Não só agradecemos a Moniz Silva a sua mensagem de saudação, mas apresentamos-lhe também as nossas felicitações pela colaboração que sempre tem dispensado a este jornal, cabendo-lhe, portanto, elevado quinhão no êxito alcançado com mais um aniversário.

• • o • •

O «Sempre Pronto» ao entrar no XIV ano de publicação, lembra a todos os seus amigos que a Campanha de Assinaturas não terminou. Enviem-lhe, pois, novos assinantes.

Cumprimentos de Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos endereçar o seu cartão de cumprimentos e formularem votos de felicidades e prosperidades ao nosso jornal, os nossos seguintes amigos:

Srs. Armando Jaime Soares, Carlos Mexia de Castro Paiva, Luís Simões Aurélio, Wolfgang Karl, de Lisboa; Albertino Nunes Gabriel, Carlos da Silva Bentes, de Olhão; Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; Asdrúbal Augusto de Magalhães, de Leiria; António Norberto de Sousa Cunha, de Faro; José Rana, de Bissau: Edmundo de Matos, de Lourenço Marques; Gènerel Leo Borges Fortes, do Rio de Janeiro; F. Cordeiro, da Baía; Juan Mollins, António Serra, Falcó Certer, de Espanha, Eng.º Frederico Kreindl, da Áustria, e Ottosgráfica, Ld.ª, de Lisboa.

Sr. Victor de Lima e Santos, comissário internacional do C. N. E., Associação dos Escoteiros de Portugal, Grupos 1, 2, 5, 7, 10, 53, 94, de Lisboa; 4, do Porto, 6 e Patrulha Leão, de Olhão; 52 e Chefe Moniz Silva, de Angra do Heroísmo; 60, de Vila Real de Santo António; 77, de Faro; 84, do Entroncamento; 93, de Sintra.

«Sempre Pronto» agradece as manifestações de simpatia e retribui os votos expressos.

• o •

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Mudança de residência — O nosso estimado colaborador sr. Humberto Gomes de Freitas, do Funchal, que se encontrava prestando serviço no aeródromo das Lages, foi transferido para Lisboa, tendo fixado residência em Moscavide.

Falecimento — Em 11 do corrente, faleceu o nosso amigo sr. Marcos Mata, antigo membro da A. C. M. de Lisboa e irmão do nosso dedicado assinante Sr. Ruben Mata, antigo escoteiro, a quem apresentamos, bem como à restante família, condolências muito sentidas.



A MENTIRA

—Porque será que você, Marques, nunca festeja a data do seu aniversário natalício? Pelo contrário, até me parece que, nesse dia, você, que é, normalmente, uma pessoa alegre, anda triste, pensativo, —observou o sargento Gonçalves ao seu colega Marques.

Este ficou silencioso por uns momentos. Depois, respondeu a custo:

—Tem razão, Gonçalves. Esse dia, que para quase toda a gente é de festa, tem para mim amargas recordações. Vou dizer-lhe o motivo.

Ouvido com a maior atenção, o sargento Marques contou:

—Como sabe, sou natural de Elvas. Vim para Lisboa muito novo. Aos vinte e dois anos, era furriel enfermeiro e prestava serviço no Hospital Militar da Estrela. Vivia em casa de um casal idoso, de parentes afastados, ao Conde Redondo. Quando completei os vinte e dois anos, resolvi festejar a data e, à noite, depois de jantar, saí, para me encontrar com rapazes amigos. Os velhotes perguntaram-me onde ia. Eu, então, como não estava disposto a dar-lhes explicações, respondi apressadamente: *Vou para o Hospital. Estou de serviço e só devo voltar amanhã de manhã.*

—Coisas de rapaz! — observou o companheiro.

—De que nunca mais me esqueço, meu caro Gonçalves. Voltei, efectivamente, na manhã seguinte, pelas nove horas. Ao entrar em casa, notei que os velhotes estavam preocupados. Um silêncio impressionante, de mau agoiro, rodeava-me. Que teria havido? Que se teria passado na minha ausência?

Pouco depois, o dono da casa perguntou-me onde estivera.

—No hospital — tornei eu.

O velho sorriu tristemente e disse:

— No Hospital não esteve. Uma hora, se tanto, depois de o senhor Marques sair, fui lá procurá-lo. Disseram-me várias pessoas que não estava. Percorri vários sítios — o Ginásio, o bilhar do Alfredo — onde o poderia encontrar, porém baldadamente.

— Mas para quê? — perguntei eu. — O que houve, para o senhor Ramos andar à minha procura?

Lentamente, o velhote mostrou-me um telegrama. Era de Elvas e anunciava o falecimento inesperado de minha mãe...

Tive que apoiar-me a um móvel para não cair. Minha mãe, a única pessoa que eu tinha no mundo, desaparecera para sempre. Enquanto ela agonizava, eu festejava com amigos o meu aniversário...

O velhote continuou as suas explicações:

— Andei à sua procura para ver se o senhor ontem conseguia apanhar o combóio das dez horas da noite para Elvas. Agora, nada é possível. O combóio da manhã partiu hoje às sete. A não ser que alugue um automóvel, já não pode assistir ao funeral de sua mãe.

Só naquele momento medi em toda a extensão, os resultados da minha mentira. Porque não teria eu dito ao senhor Ramos a verdade, que ia festejar os meus vinte e dois anos do Casino do Estoril? Porque faltara à verdade? Não possuía dinheiro para alugar um automóvel, pois na véspera gastara uma avultada importância. Não tinha possibilidade de o conseguir por empréstimo. Assim a minha pobre, a minha muito querida mãe desceu à sua última morada sem que eu mais a visse...

O que lhe digo, Gonçalves, — concluiu o Marques — é que, daí para o futuro, nunca mais menti. Mas, o dia do meu aniversário, esse dia que quase toda a gente comemora com alegria, é para mim uma data de amargas recordações.

MANUEL FERREIRA



DO ALGARVE

Grupo N.º 6 — Olhão

Tendo falecido recentemente o sr. dr. Luís Bernardino da Silva, que foi presidente muito dedicado da direcção do Grupo n.º 6, esta unidade dos Escoteiros de Portugal prestou, no dia 1 do corrente, uma sentida homenagem à sua memória.

Presidiu à cerimónia o actual presidente do Grupo e antigo escoteiro do mesmo, sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente do Município, tendo sido descerrado um retrato do homenageado pela sua irmã, sr.ª D. Laura Bernardino da Silva. As altas virtudes do extinto, a sua dedicação como médico, a simpatia pelo Escotismo e amor à sua terra, foram postas em relevo pelo chefe do Grupo, sr. Francisco Pina, e pelos srs. dr. Fernando Lopes Manuel de Sousa Guita Jr., João Trigueiros e Lourenço Mendonça.

Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Passeio ao Rio Seco

Em 22 de Dezembro, as patrulhas «Lobo» e «Poupa» efectuaram um animado passeio ao sítio do Rio Seco, a 8 quilómetros desta Vila, tendo executado diversos exercícios de técnica.

Festa de passagem do ano

Na noite de 31 de Dezembro, reuniram-se na sede os escoteiros e dirigentes, para tomarem parte na tradicional festa de passagem do ano.

À Patrulha «Poupa», vencedora do concurso «Centenário de Baden-Powell», foi entregue um galhardete artisticamente bordado, tendo o Chefe do Grupo feito uma resenha da actividade desenvolvida em 1957 e anunciado as bases do concurso que ia seguir-se, em que de novo o trabalho teórico se aliaria ao prático.

Concluiu, informando que o prémio principal do novo concurso seria um interessante troféu adquirido no Jamboree do Jubileu pelo escoteiro Manuel Godinho e oferecido ao Grupo.

Efectuou-se depois a cerimónia do Compromisso de Honra dos aspirantes Alexandre Fernandes Azul e José Augusto Silva Nascimento, que ingressaram na «Poupa», e António Carlos Ramires da Cruz e Manuel Joaquim Neto Gomes, que ingressaram na «Águia».

A festa terminou com um chá servido aos presentes, sendo a entrada do novo ano saudada por todos com regozijo.

44.º Aniversário da A. E. P.

Na noite de 6 de Setembro, foi comemorado o 44.º aniversário da A. E. P..

Às 21.30 houve concentração geral do Grupo, tendo o Chefe proferido uma palestra em que descreveu a vida e as diversas fases de maior ou menor actividade da Associação.

O Guia de Patrulha Manuel Godinho narrou alguns dos factos que mais o impressionaram na sua deslocação ao Jamboree do Jubileu.

Efectuou-se ainda um concurso-relâmpago de técnica escotista, que foi ganho pela Patrulha «Lobo».

Acampamento em Tavira

Em 7 de Setembro, deslocaram-se a Tavira alguns escoteiros do «60» tendo confraternizado, num acampamento, com elementos dos Grupos N.ºs 6 e 59 e regressado na tarde de 8.

Acampamento em Monte Gordo

O grupo acampou em 28/29 de Setembro em Monte Gordo, com o normal programa de trabalhos, a contar para o concurso trimestral «Centenário de Baden-Powell».

Nesta actividade, prestaram Compromisso de Honra os aspirantes Manuel dos Ramos Vieira, da Patrulha «Poupa» e João Francisco Raimundo Moita, da patrulha «Lobo».

Boa acção premiada

Em 5 de Outubro, no salão nobre da Câmara Municipal, foi condecorado pelo Presidente da Sociedade Protectora dos Animais, que aqui se deslocou propositadamente, um rapaz vilarrealense de nome Josefino Parra, por haver salvo um cão doente de morrer afogado no rio, alimentando-o e tratando-o depois.

O Grupo esteve presente nesta cerimónia, à qual se associou.